



**SEDiAr**

**2014**

BELO HORIZONTE / MG

**ANAIS DO II SEMINÁRIO DE  
ESTUDOS SOBRE DISCURSO E  
ARGUMENTAÇÃO  
(II SEDiAr)**

**Organização**

Emília Mendes

Giselle Luz

Maira Guimarães

**FALE**  
FACULDADE  
DE LETRAS

UF *m* G

**Organização**

Emília Mendes

Giselle Luz

Maira Guimarães

**ANAIS DO II SEMINÁRIO DE  
ESTUDOS SOBRE DISCURSO E  
ARGUMENTAÇÃO  
(II SEDiAr)**

Belo Horizonte

Editora FALE/UFMG

2015

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S471a

Seminário de Estudos Sobre Discurso e Argumentação (2. : 2014 : Belo Horizonte, MG).

Anais do II Seminário de Estudos Sobre Discurso e Argumentação (II SEDIAr) / Organização : Emília Mendes, Giselle Luz, Maira Guimarães. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2015.

756 p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7758-268-6

1. Análise do discurso – Congressos. 2. Retórica – Congressos. I. Mendes, Emília. II. Luz, Giselle. III. Guimarães, Maira. IV. Título.

CDD : 418

## RECURSOS METODOLÓGICOS AO SERVIÇO DE UMA INTERAÇÃO DISCURSIVA: ANÁLISE ARGUMENTATIVA DO TEXTO «O MEU SONHO» DE ALCIONE ARAÚJO

Rui Alexandre Grácio  
Instituto de Filosofia da Nova (IFILNOVA – FCSH/NOVA  
rgracio@gmail.com

**Resumo:** Nesta comunicação propõe-se a aplicação de algumas noções — como as de «assunto em questão», «tematização», «perspetivação», «construção da retórico-argumentativa da relevância», etc. — na análise do discurso argumentado. As referidas noções, não estando na «letra» da Teoria da Estrutura Retórica, não estão contudo afastadas do seu «espírito», ou seja, na procura de categorizações estruturais e relacionais que permitam compreender a organização textual e, no presente caso, de um discurso argumentado. Retomando a ideia de que as interações argumentativas se podem resumir, como propõe Plantin, à «crítica do discurso de um pelo discurso do outro», para além de partirmos de uma análise de um texto específico («O meu sonho» de Alcione Araújo) na sua articulação e estruturação argumentativa, as noções que propomos procuram fazer a ponte entre uma perspetiva analítica de leitura e interpretação, com uma perspetiva interacionista que abre também para a possibilidade crítica da elaboração de um contradiscurso.

**Palavras-chave:** Análise do discurso argumentado. Assunto em questão. Tematização. Contradiscurso.

**Abstract:** In this communication we propose to apply some concepts — such as "subject matter", "thematization", "taking perspective", 'rhetorical and argumentative construction of relevance', etc. — in the analysis of argued speech. Such notions, not being in the "letter" of the Rhetorical Structure Theory, are nevertheless in its 'spirit', i.e., the search for structural and relational categorizations that allow understanding textual organization and, in the present case, an argued speech. Having in mind the idea proposed by Christian Plantin that argumentative interactions can be summarized as "the mutual criticism of de discourse of each other", and proceeding to the analysis of Alcione Araújo's text "My dream" in its articulation to argumentative structure, we propose concepts that seek to bridge the gap between an analytical perspective of reading and interpretation and an interactionist perspective that also opens the critical possibility to elaborate a counterdiscourse.

## Introdução

O propósito da presente texto é duplo: por um lado apresenta uma proposta de leitura do discurso argumentado (no caso, o artigo de opinião intitulado «O meu sonho» de Alcione Araújo). Essa leitura será baseada na articulação de certas categorias que consideramos estruturais e estruturantes do discurso argumentado, nomeadamente:

- assunto em questão,
- tematização/perspetivação (sob a forma da configuração ou do desenho do assunto ou sob a forma do adensamento da relevância da perspectiva),
- posicionamento (ou resposta),
- justificação(atraves de raciocínios e movimentos inferenciais).

Por outro lado, e para não se ficar apenas numa visão analítica que procede à interpretação de um discurso, propomos que, a partir da estrutura anteriormente referida, se encontrem também os meios conducentes a uma atitude interacionista que abra à possibilidade crítica de produzir contradiscurso e elaborar uma sequência contradiscursiva.

Mas, vamos à prática, apresentando o texto sobre o qual iremos trabalhar (para melhor nos orientarmos nas referências ao texto, numerámos os seus parágrafos).

## 2.O texto selecionado para aplicação da metodologia

### O MEU SONHO

«**[1]** Eu sonho com um Brasil no qual a educação e a cultura sejam entendidas como frutos da mesma árvore sagrada do conhecimento. E não coexistindo em esquizofrênica separação, como agora. Cultura é tudo o que foi produzido pela mão e pelo espírito criador do homem. Da mesa, que extrai da árvore, ao romance, à produção simbólica do imaginário.

**[2]** A educação, que nos aproxima da ciência e da tecnologia, deveria nos aproximar também das artes. Quando se trata das ilimitadas potencialidades do ser humano, do domínio da natureza ao conhecimento da espécie, ou do que genericamente se chama de produção do espírito, a educação reproduz a Páideia grega como processo de transmissão de saber, e deve ser entendida como o braço sistematizado e hierarquizado da cultura.

**[3]** Assim como a racionalidade é necessária para compreender o homem, sua história, seu senso de justiça e a utilização que faz da natureza, também a sensibilidade é indispensável para a percepção do universo simbólico, da produção do imaginário, da criação artística e das emoções. O homem é sobretudo, subjectividade.

**[4]** A convivência com a arte comove, enternece, dá esperança e enriquece a experiência de estar no mundo porque nos permite adquirir vivências do que não vivemos. Tornamo-nos não apenas seres humanos mais sensíveis, solidários e participantes, mas descobrimos possibilidades de viver na plenitude a vida que nos foi concedida.

**[5]** Priorizar com urgência e sem vacilação a educação e a cultura é a única forma de entrarmos, de fato, no século XXI. Num país com a nossa história — parte do novo mundo, parte colônia ultramarina, escravista até passado recente —, a cultura letrada só começa na escola. Com este passado, a educação ganha um significado profundo e amplo, incumbida de restaurar os princípios inaugurais da criação da Universidade de Bolonha, no século XI: formar o profissional, o cidadão e o homem.

**[6]** Em algum momento da história, porém, houve uma separação esquizofrênica entre educação e cultura. Expulsaram a cultura da escola. Se é grave a existência do apartheid social, é muito mais grave o apartheid cultural. O primeiro resolve-se pela vontade política. O segundo exige anos de vivências e práticas culturais.

**[7]** Quem não consegue verbalizar o que sente ou pensa é incapaz de parlare, parlamentare, dialogar e, desesperado, substitui a palavra ausente pela truculência — linguagem universal da barbárie. Sem palavra não há argumento. Fruto de profunda crise de valores, a violência urbana até poderá se aplacar com o fim do desemprego e da miséria, mas a sua erradicação exige menos tiroteio e mais interlocução, proeza afeita à educação e à cultura.

**[8]** Não sou educador e há muito que deixei de ser professor, mas afirmo: se a educação não se incumbe da missão de desvelar o mundo mágico da arte, vamos continuar a ver formarem-se médicos, engenheiros, advogados, economistas, magistrados — que, às vezes por sorte, empenho ou talento pessoal, chegam a alcançar a competência técnica específica — que nunca vibraram com a leitura de um romance, nem umedeceram os olhos com um

soneto, nem se enlevaram ao ouvir uma sinfonia. A educação é irmã siamesa da cultura. Afastá-las é matá-las de inanição — e limitar o homem à sua face mais fria, ao mais duro do seu coração. Será que há aí um ser humano na sua plenitude? Então, que ser humano é este? Que cidadão é este? Que profissional é este? Enfim, que educação é esta? Uma educação que se resigna ao adestramento para a produção. Desastre e frustração, pois, hoje em dia, nem o vislumbrado emprego se concretiza.

**[9]** Os valores éticos, morais e estéticos da indústria de entretenimento tornaram-se a única referência de uma sociedade de massas com baixa escolaridade, afastada da cultura letrada e sem antídotos contra a manipulação oportunista, que ameaça pôr em cheque até a própria democracia representativa. Estamos permitindo que um povo indefeso caminhe para o suicídio cultural. É urgente aproximar a educação da cultura e garantir a todo o cidadão o direito constitucional de acesso ao bem cultural.

**[10]** Como o mito grego, são sete as cabeças da hidra: a insuficiente escolarização da população, a ineficiência do modelo cultural, o aviltamento da atividade do magistério, a educação como negócio, a esquizofrênica separação de educação e cultura, a elitização da cultura, a rendição à cultura de massa. Nesta insidiosa confluência, cresce o ovo da serpente.

**[11]** Democratizar a educação e a cultura é produzir cidadãos de saber crítico e transformador, aptos a discernir o direito e o dever, o certo e o errado e, ao mesmo tempo, mais sensíveis e humanos, que verão o outro como um semelhante, que pode pensar diferente, mas tem igual direito à vida e à busca da felicidade. Eis o meu sonho». (ARAÚJO, 2004, pp. 239-242)



### 3. Aplicação da metodologia

Partiremos da ideia geral segundo a qual orientar o pensamento através da discursividade é movimentarmo-nos através de caminhos por entre redes de constructos. Vejamos como podemos descodificar esses caminhos.

A primeira ideia de que temos de partir numa leitura argumentativa é a de que o discurso tematiza, ou seja, organiza-se referindo-se a um assunto em questão. Num primeiro nível temático o discurso procederá à perspetivação do assunto. A primeira questão a colocar é, pois, qual é o assunto em questão? Note-se que, para exprimir a dimensão problemática do assunto — que é típica dos assuntos argumentativos — a resposta à pergunta anteriormente colocada deve ser feita através de uma forma interrogativa.

O assunto em questão é: «de um ponto de vista ideal que tipo de formação favorece a construção da humanidade dos cidadãos?»

Mas, perguntar-se-á: como se chega a esta macroproposição interrogativa? A resposta é: seguindo as instruções do texto (trabalho de análise e de síntese). Que instruções são essas?

- o título e a parte final do texto remetem explicitamente para a perspetivação do assunto em termos ideais; donde a formulação «de um ponto de vista ideal»;

- todo o texto é atravessado pela reincidência das relações entre educação e cultura (1º, 2º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º e 11º parágrafos), mas estas são enquadradas num plano mais elevado que é a da construção, através da formação, da humanidade dos cidadãos (3º, 4º, 8º e 11º). Donde a formulação «a construção da humanidade dos cidadãos»;
- o problema que se coloca, em termos ideais, é o do como deveria ser encarada a formação das pessoas («deveria nos aproximar também das artes», «Priorizar com urgência e sem vacilação...». Donde a formulação «que tipo de formação favorece»]

Como é tematizado este assunto pelo autor? Pela introdução da dissociação: solidariedade entre educação e cultura versus apartheid entre educação e cultura.

Ou seja, a configuração ou o desenho do assunto remete para a sua consideração a partir de uma alternativa (o que permite assinalar uma focalização argumentativa) que especifica os termos com que o autor a propõe, e considera relevante, perspetivar: o problema para ele, nucleariza-se em torno da questão da proximidade ou do afastamento da educação e da cultura. É a partir desta focalização (que poderemos dizer que aponta para preocupações de ordem sociopolítica) que ele orientará a sua conversa.

Numsegundo nível de tematização procurar-se-á fundamentar as respostas ou a posição apresentada, ou seja, construir e adensar a sua relevância.

O apartheid entre educação e cultura (segundo membro da dissociação) é apresentada como a situação real [«e não coexistindo em esquizofrénica separação, como agora»] que o autor criticará. A solidariedade entre educação e cultura (primeiro membro da dissociação) é apresentada como a situação ideal [«Eu sonho com um Brasil no qual a educação e a cultura sejam entendidas como frutos da mesma árvore sagrada do conhecimento Brasil»] que o autor subscreverá.

Perante a situação real, o autor mostra-se severamente crítico, facto que está patente na utilização da palavra «esquizofrénica», que equivale a classificá-la como doentia, portadora de um mal, não potenciadora da humanidade do ser humano.

Assim, e depois de perspetivar o assunto a partir da seleção do que nele faz questão, o autor posiciona-se perante a alternativa explicitando a sua posição: «A educação é irmã siamesa da cultura. Afastá-las é matá-las de inanição — e limitar o homem à sua face mais fria, ao mais duro do seu coração. (...) É urgente aproximar a educação da cultura e garantir a todo o cidadão o direito constitucional do acesso ao bem cultural» por contraposição ao que se passa na realidade, onde o que acontece é a existência de uma «educação que se resigna ao adestramento para a produção». Também aqui a escolha do termo «resigna» aponta para uma avaliação depreciativa que conota insuficiência.

Como é que o autor explicita justificadamente a sua posição, ou seja, a que recursos apela de forma a que estes funcionem como argumentos para o posição por ele defendida?

- Por um lado, ligando a cultura às artes, as artes à sensibilidade e a sensibilidade à formação de uma humanidade mais solidária: «A convivência com a arte comove, entenece, dá esperança e enriquece a experiência de estar no mundo, porque nos permite adquirir vivências que não vivemos. Torna-nos não apenas seres humanos mais sensíveis, solidários e participantes, mas descobrimos a possibilidade de viver na plenitude a vida que nos foi concedida». Logo a solidariedade entre cultura e educação é necessária.
- Por outro lado, ligando a cultura às potencialidades da racionalidade do uso da palavra como alternativa à violência: «Quem não consegue verbalizar o que sente ou o que pensa é incapaz de parlare, parlamentare, dialogar e, desesperado, substitui a palavra ausente pela truculência — linguagem universal da barbárie. Sem palavra não há argumento». Logo a solidariedade entre cultura e educação é necessária.
- Por outro lado, ainda, ligando a solidariedade entre a educação e a cultura aos valores da própria democracia e ao facto de só assim os cidadãos se poderem defender das manipulações oportunistas que estão sempre à espreita numa sociedade do espetáculo: «Os valores éticos, morais e estéticos da indústria de entretenimento tornaram-se a única referência de

uma sociedade de massas com baixa escolaridade, afastada da cultura letrada e sem antídotos contra a manipulação oportunista, que ameaça por em xeque a própria democracia representativa. Estamos permitindo que um povo indefeso caminhe para o suicídio cultural». Logo a solidariedade entre cultura e educação é necessária.

#### **4. Possibilidades de elaboração de um contradiscurso**

A partir daqui várias sequências argumentativas são possíveis na organização de um contradiscurso. Por exemplo:

- Retomar o assunto em questão procedendo a uma tematização diferente que não segue a via da dissociação proposta pelo autor. Por exemplo: a formação dos cidadãos começa no seio da família e este é um valor incompatível com os modos atuais de viver. Neste caso estamos numa tematização que segue outra via para abordar a questão e que coloca o problema noutros termos.
- Discordar ou problematizar a ideia segundo a qual a educação se tornou um adestramento para a produção. Se se seguir este caminho haverá provavelmente um contradiscurso que questiona o diagnóstico que autor faz da realidade.
- Pode também originar-se uma sequência argumentativa focada nas justificações utilizadas através da sua qualificação como «exageradas»,

«idealistas», «pessimistas», etc., avançando-se, neste caso, para a sua problematização, por exemplo, através da referência às conquistas significativas que se fizeram relativamente ao passado.

## **5. Conclusão**

Apresentámos uma proposta de análise do discurso argumentado que achamos ter por virtude a consistência teórica e a dimensão prática.

Em primeiro lugar a categoria de assunto em questão é o polo organizador não só de um discurso argumentado como também de uma interação argumentativa. Se não formos capaz de circunscrever aquilo de que se está a falar e que constitui um problema, dificilmente podemos encontrar a unidade intencional do discurso argumentativo.

Em segundo lugar, lidar com assuntos em questão e procurar posicionar-se perante eles implica sempre que os configuremos, ou seja, que trilhemos um caminho que se vai desenhando através dos procedimentos associativos e/ou dissociativos usados. Ou seja, o discurso tematiza (estando este processo de tematização intimamente ligado à chamada inventio, ou seja, à seleção e à escolha daquilo que se vai trazer ao discurso para perspetivar o assunto). Esta operação de tematização irá conduzir necessariamente ao esboço implícito ou explícito de um posicionamento. Ele é feito tendendo para uma tomada de posição relativamente ao assunto em questão.

Finalmente, a posição é sempre justificada e suportada na sua relevância através de argumentos, de raciocínios e de inferências que reforçam a componente conclusiva do posicionamento tomado.

Com este esquema simplificado mas consonante com o tempo real em que se desenvolvem as argumentações, podemos também organizar um contradiscurso pensando que há sempre possibilidades diferentes de tematizar os assuntos, tal como há sempre forma de questionar as justificações apresentadas, o que é próprio da argumentação enquanto processo de crítica do discurso de um pelo discurso do outro.

### **Referências bibliográficas**

ARAÚJO, Alcione. **Urgente é a vida**. S. Paulo: Record, 2004, pp. 239-242.